

AUTOMEDICAÇÃO NOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA SAÚDE

Self-medication in students of higher health education

La automedicación en estudiantes de educación superior en salud

Fernanda Príncipe, * Ana Oliveira, ** Cristiana Silva, *** Daniela Silva, ** Denise Silva, **** Tomás Silva *****

RESUMO

Enquadramento: a automedicação envolve o uso de medicamentos para tratar distúrbios ou sintomas autodiagnosticados, ou o uso intermitente ou continuado de medicação prescrita por um médico para tratamento crónico ou doenças ou sintomas recorrentes. **Objetivos:** caracterizar a prática da automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. **Metodologia:** estudo quantitativo e descritivo. Amostra constituída por 301 estudantes. Recolha de dados com recurso a questionário e análise de dados efetuada através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). **Resultados:** verifica-se automedicação em 93,4% dos estudantes do ensino superior saúde. Os sinais e sintomas mais frequentes foram as cefaleias (29,8%), dismenorrea (13,5%) e febre (9,9%). Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos/antipiréticos (34,6%), os anti-inflamatórios (29,2%), vitaminas e sais minerais (7,4%). **Conclusão:** a automedicação entre os estudantes do ensino superior é elevada, pelo que é fulcral abordar esta problemática ao longo do curso de forma a minimizar os riscos associados a este consumo.

Palavras-Chave: automedicação; estudantes; ensino superior

*PhD, Professora coordenadora na Escola Superior de Saúde Norte da Cruz Vermelha Portuguesa/ CINTESIS <https://orcid.org/0000-0002-1142-3258> autor de correspondência: fernanda.principe@essnortecvp.pt

** RN, Enfermeira, Urgência Pediátrica no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho

***RN, Enfermeira, Bloco Operatório Central no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho

****RN, Enfermeira, MediCapilar Lisboa

*****RN, Enfermeiro, Escola das Armas de Mafra do Exército Português

Como referenciar:

Príncipe, F., Oliveira, A., Silva, C., Silva, D., Silva D., & Silva, T. (2020). Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 3(2), 21-28. doi.org/10.37914/riis.v3i2.82

Recebido para publicação em: 09/06/2020
Aceite para publicação: 04/12/2020

Background: self-medication involves the use of medications to treat self-diagnosed disorders or symptoms, or the intermittent or continued use of medication prescribed by a doctor for chronic treatment or recurrent illnesses or symptoms. **Objectives:** characterize the practice of self-medication in higher health education students. **Methodology:** quantitative and descriptive study. Sample composed by 301 students. Data were collected using a questionnaire and data analysis was performed with Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). **Results:** the prevalence of self-medication is 93.4% in students of higher health education. The most frequent signs and symptoms were headache (29.8%), dysmenorrhea (13.5%) and fever (9.9%). The most used drugs were analgesics/ antipyretics (34.6%), anti-inflammatories (29.2%), vitamins and minerals (7.4%). **Conclusion:** self-medication among higher education students is high, it is crucial to address this issue throughout the course in order to minimize the risks associated with this consumption.

Keywords: self-medication; students; higher education

Marco contextual: la automedicación implica el uso de medicamentos para tratar los trastornos o síntomas autodiagnosticados, o el uso intermitente o continuo de medicamentos recetados por un médico para el tratamiento crónico o enfermedades o síntomas recurrentes. **Objetivos:** caracterizar la práctica de la automedicación en estudiantes de educación superior en salud. **Metodología:** estudio cuantitativo y descriptivo. Muestra compuesta por 301 alumnos. La recogida de datos fue efectuada con un cuestionario y la análisis de datos realizada a través de *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). **Resultados:** hay automedicación en el 93.4% de los estudiantes de educación superior en salud. Los signos y síntomas más frecuentes fueron dolor de cabeza (29.8%), dismenorrea (13.5%) y fiebre (9.9%). Los fármacos más utilizados fueron analgésicos / antipiréticos (34,6%), antiinflamatorios (29,2%), vitaminas y minerales (7,4%). **Conclusión:** la automedicación entre los estudiantes de educación superior es alta, por lo que es crucial abordar este problema a lo largo del curso para minimizar los riesgos asociados con este consumo.

Palabras clave: automedicación; estudiantes; educación superior

INTRODUÇÃO

A automedicação envolve o uso de medicamentos não prescritos pelo consumidor para tratar doenças ou sintomas que este reconhece. Implica também o uso continuado ou intermitente de medicação prescrita pelo médico para doenças crónicas ou sintomas recorrentes. A automedicação é um fenómeno frequente e usado há muitos anos e a sua incidência e distribuição é descrita pela organização mundial de saúde (WHO, 2000).

A prática da automedicação está em ascensão em todo o mundo e constitui-se um grande problema de saúde pública pela sua prevalência em países desenvolvidos e em desenvolvimento (Gelayee, 2017). Sendo desencadeada por fatores económicos, políticos e culturais, aos quais estão associados, o desperdício de recursos, o aumento da resistência a agentes patogénicos e graves implicações para a saúde (Araia, Gebregziabher, & Mesfun, 2019).

Estudo realizado sobre esta problemática demonstra que existe uma grande prevalência da prática da automedicação não responsável pelos estudantes de instituições de ensino superior (IES) (Castro, et al., 2016), o que releva a necessidade de um melhor conhecimento sobre os fatores associados a esta prática e planear intervenções que promovam a responsabilização e conscientização desta população (Alfaro-Mora, et al., 2019; Ortiz, et al., 2019). Pretendemos com este estudo caracterizar a prática da automedicação em estudantes do ensino superior da saúde de duas IES da região centro e norte de Portugal.

ENQUADRAMENTO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente, a automedicação é um fenómeno social e cultural que consiste num comportamento global

comum que gera um problema na saúde pública. Muitos jovens e adultos assumem esta prática sem conhecer os possíveis riscos que isso implica para a sua saúde. Posto isto, a automedicação consiste na seleção e uso de medicamentos por indivíduos para tratar condições ou sintomas autorreconhecidos ou diagnosticados (Haque, et al., 2019).

A automedicação responsável define-se como um autocuidado em saúde em que o indivíduo assume um papel de gestor do processo saúde-doença, baseado na responsabilidade e na procura de informação fidedigna por um profissional de saúde (Ortiz, et al., 2019). Esta participação apresenta-se como uma vantagem para o sistema de saúde, na medida em que, há uma gestão mais racional de doenças menores, evitando-se consultas médicas desnecessárias (Ortiz, et al., 2019).

A prática pode comprometer o bem-estar humano e resultar em graves complicações provocadas pelo uso frequente de medicamentos não sujeitos a receita médica, como dosagem inadequada, duplicação de fármacos, interação medicamentosa, falha no tratamento, ocultação de problemas de saúde, sintomas e atraso na prescrição do tratamento adequado (Alshogran, et al., 2018; Castro, et al., 2016). A transição para o ensino superior está marcada por um forte impacto no desempenho académico e comportamental, necessitando de intervenções específicas com vista à minimização de efeitos secundários relacionados com alteração da dinâmica familiar, adaptação a um sistema de ensino diferente, ansiedade decorrente de múltiplas adaptações, entre outros (Príncipe, 2019).

Neste sentido, as IES desempenham um papel fundamental enquanto agentes de promoção da saúde

dos estudantes, melhorando o perfil de saúde da comunidade académica através do desenvolvimento do ensino, da investigação e partilha de conhecimentos, contribuindo ainda, para a avaliação da eficácia de programas de intervenção em educação para a saúde (Príncipe, 2019). É importante realçar que a prevalência da prática da automedicação na comunidade académica é elevada. Verifica-se que os estudantes de IES com fácil acesso à internet têm uma grande quantidade de informação disponível. No entanto, nem sempre é fidedigna levando a uma prática não adequada (Alfaro-Mora, et al., 2019).

Vários estudos mostraram que as cefaleias, febre, doenças do foro gastrointestinal e infeções do trato respiratório são algumas das condições médicas comuns que motivam à automedicação, sendo esta mais prevalente entre as mulheres em relação aos homens (Alfaro-Mora, et al., 2019; Orellana, et al., 2019; Gelayee, 2017; López-Cabra, et al., 2016), devido à maior prática de partilha de medicação (Gelayee, 2017).

Relativamente aos estudantes do ensino superior da área da saúde, a autoconfiança, as experiências anteriormente bem-sucedidas e os conhecimentos adquiridos durante o curso sustentam o exercício da prática da automedicação (Gama & Secoli, 2017).

É de extrema importância desenvolver programas de educação em saúde relativamente aos riscos da automedicação inadequada (Gelayee, 2017). A Organização Mundial de Saúde reforça a necessidade da promoção da saúde na automedicação responsável utilizando medidas que tornem esta prática mais segura e eficaz. A conscientização e o conhecimento sobre os malefícios e benefícios da automedicação devem ser aprofundados entre os estudantes de IES.

Campanhas de conscientização sobre medicamentos e saúde bem como sessões educacionais nas IES podem constituir estratégias de forma a colmatar estas lacunas (Alshogran, et al., 2018).

Face a esta problemática, foi nosso propósito desenvolver um estudo com estudantes do ensino superior para perceber a dimensão do problema. A questão que norteia o estudo: Qual a prevalência e os principais motivos da prática da automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde?

METODOLOGIA

Estudo de natureza quantitativo e descritivo. A população selecionada foram estudantes do ensino superior da saúde de duas instituições da região centro e norte de Portugal que consentiram participar no estudo de forma voluntária. Foram incluídos os estudantes do 1º Ciclo de estudos das licenciaturas das respetivas instituições, com idade igual ou superior a 18 anos. A amostra é não probabilística por conveniência, tendo participado no estudo 301 estudantes. Como instrumento de recolha de dados foi construído um questionário *online* (*Googledocs*) tendo por base a evidência científica acerca do fenómeno em análise. Este questionário é operacionalizado por respostas fechadas e composto por duas partes. A primeira parte permite a caracterização sociodemográfica e recolha de dados acerca dos recursos de saúde e a segunda parte foi constituída para conhecer os fatores associados à prática da automedicação. A recolha de dados decorreu no período compreendido entre setembro e outubro de 2019. O questionário foi submetido a pré-teste numa escola congénere, a estudantes do 1º Ciclo dos Cursos da área da saúde, do qual não resultou qualquer

alteração ao questionário. Para o tratamento e análise dos dados quantitativos recorreu-se a estatística descritiva, com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 23.0. A participação no estudo foi voluntária, sendo os participantes informados que poderiam desistir a qualquer momento, sem causar qualquer consequência negativa ou prejuízo, o que não se verificou. O anonimato e a confidencialidade do estudo foram garantidos. Podemos ainda garantir que todos os aspetos éticos foram respeitados neste estudo, bem como os direitos fundamentais. Para o estudo obteve-se autorização pela Comissão de Ética e pela Unidade de Investigação e Desenvolvimento, (parecer nº02/2019) e autorização dos Presidentes dos Conselhos de Direção das respetivas escolas.

RESULTADOS

Na análise do estudo foram incluídos 301 estudantes, sendo 109 da Escola Superior de Saúde da zona centro e 192 estudantes da Escola Superior de Enfermagem da zona norte. No que concerne aos cursos frequentados, 95,7% (n=288) estudam Enfermagem, 2,7% (n=8) Acunpuntura e 1,7% (n=5) Osteopatia.

A amostra é constituída por 79,4% (n=239) indivíduos do sexo feminino e 20,6% (n=62) do sexo masculino, sendo a média de idades 24,87 ± 8,1 anos, variando entre os 18 e os 51 anos. Como recursos de saúde, 68,8% (n=297) afirmam ter enfermeiro de família e 81,7% (n=246) referem que têm médico de família.

Os estudantes do ensino superior apresentaram um consumo de automedicação de 93,4% (n=281). Na tabela 1 apresentamos a frequência com que os estudantes recorreram à automedicação nos últimos 6 meses.

Tabela 1

Distribuição dos estudantes quanto à frequência com que recorreram à automedicação nos últimos 6 meses por género

Frequência com que recorreram à automedicação nos últimos 6 meses	Total n (%)	Masculino n (%)	Feminino n (%)
Nunca	29 (10,3)	9 (16)	20 (8,9)
Apenas uma vez	34 (12,1)	9 (16)	25 (11,2)
Raramente (1-3 vezes)	135 (48)	26 (46,5)	109 (48,4)
Com pouca frequência (4-6 vezes)	56 (19,9)	10 (17,9)	46 (20,4)
Com alguma frequência (7-9 vezes)	15 (5,3)	2 (3,6)	13 (5,8)
Com muita frequência (10 ou mais vezes)	12 (4,3)	0	12 (5,3)
Total (n)	281	56	225

Relativamente aos sinais e sintomas mais frequentes para a prática da automedicação constatou-se que as cefaleias 29,8% (n=199), dismenorrea 13,5% (n=90), febre 9,9% (n=66), dores musculares 9,6% (n=62) e alergias 8,2% (n= 55) foram os mais descritos.

Constatou-se que os medicamentos mais usados pelos estudantes foram: os analgésicos/antipiréticos 34,6% (n=212), os anti-inflamatórios 29,2% (n=179), vitaminas e sais minerais 7,4% (n=45), anti-histamínicos 6% (n=37) seguindo-se os antibióticos

Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde

4,9% (n=30). Os menos utilizados foram os psicofármacos 0,2% (n=1).

Pretendeu-se também saber durante quanto tempo, os inquiridos utilizaram o mesmo medicamento e as respostas obtidas foram que 82,6% (n=232) utilizou o mesmo fármaco durante 1 a 3 dias, 10% (n=28) durante 4 a 6 dias e 1,8% (n=5) durante 10 a 12 dias.

O estudo revelou que 49,8% (n=158) foram influenciados por prescrições anteriores, seguido por familiares 27,8% (n=88) e ainda autoconhecimento 9,8% (n=31). Os estudantes procuraram

maioritariamente informação na bula 27% (n=130) antes de se automedicarem, referindo de seguida que recorrem aos profissionais de saúde nomeadamente ao farmacêutico 21% (n=101) e ao enfermeiro 16,8% (n=80). Alguns referiram ainda que recorreram à internet 14,3% (n=69) como fonte de informação.

Relativamente aos motivos que levaram os estudantes a recorrer à automedicação (tabela 2), verificou-se que as experiências anteriores foram o motivo mais evidente, obtendo uma percentagem de 25,2% (n=133).

Tabela 2

Distribuição percentual dos motivos que levaram os estudantes a recorrer à prática da automedicação

Motivos que levaram os estudantes a recorrerem à automedicação	n	%
Baixo poder de compra	11	2,1
Experiências anteriores	133	25,2
Falta de tempo para recorrer aos serviços de saúde	50	9,5
Problema de saúde ligeiro	116	22,1
Confiança na opinião do farmacêutico	37	7
Doença crónica	24	4,6
Autoconhecimento sobre a medicação	108	20,5
Publicidade medicamentosa	5	1
Facilidade de compra na farmácia	35	6,7
Falta de acesso aos cuidados de saúde	6	1,1
Sentir-se envergonhado	0	0
Falta de confiança nos profissionais	1	0,02

DISCUSSÃO

Este estudo demonstra que a frequência de automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde é elevada (94,3%), indo de encontro aos resultados de um estudo nacional (Castro, et al., 2016), e sendo também corroborado por estudos internacionais (Malak & AbuKamel, 2018; Al-Ameri, Al-Badri, & Lafta, 2017).

Vários estudos indicam que a automedicação é mais frequente nas mulheres, devido à maior prática de

partilha de medicação, maior procura por cuidados e pelas particularidades relacionadas à saúde da mulher durante o ciclo vital o que é concordante com o resultado deste estudo (Gelayee, 2017; Helal & Abou-ElWafa, 2017).

Na prática da automedicação pelos estudantes, os analgésicos/antipiréticos foram os mais utilizados seguindo-se os anti-inflamatórios e as vitaminas e sais minerais, estes dados são coerentes com outros estudos (Ibrahim & Halboup, 2019; Norori, 2019). De

acordo com Norori (2019), o consumo de medicamentos desencadeia uma elevada prevalência de intoxicação, o que evidencia uma necessidade urgente em informar e educar sobre o uso seguro de medicação.

Também a antibioterapia por iniciativa própria constitui um problema de saúde pública, visto que o uso difundido e indevido de antibióticos pode levar ao desenvolvimento de bactérias resistentes (Gama & Secoli, 2017). Embora no estudo, os participantes sejam da área da saúde, os resultados alinham com diversos estudos que comprovam que os estudantes recorrem à antibioterapia sem receita médica (Bohomol & Andrade, 2020; Ortiz, et al., 2019; Alshogran, et al., 2018; Hu, et al., 2018; Al-Ameri, Al-Badri, & Lafta, 2017). Sendo assim surge a necessidade de promover intervenções de forma a consciencializar as pessoas a cumprir a toma de antibióticos na sua totalidade e a não os consumirem sem prescrição médica (Bohomol & Andrade, 2020).

Os principais sintomas que levam à automedicação são as cefaleias, dismenorria, febre e dores musculares sendo os mais referidos também pelos estudantes deste estudo (Araia, Gebregziabher, & Mesfun, 2019; Ibrahim & Halboup, 2019; AlRaddadi, et al., 2017; Gama & Secoli, 2017). A constipação e a gripe são apontadas como as causas mais comuns para a prática da automedicação segundo diversos autores (Ibrahim & Halboup, 2019; AlRaddadi, et al., 2017), o que pode justificar este resultado.

Prescrições anteriores, aconselhamento pelos familiares e o autoconhecimento, constituem-se como fatores que mais influenciam a prática da automedicação, estando em consonância com outros estudos (Alshogran, et al., 2018; Hu, et al., 2018; Helal

& Abou-ElWafa, 2017). Segundo Orellana, et al., (2019) as principais influências para a prática foram os familiares, amigos e profissionais de saúde, nomeadamente o farmacêutico, o que se coaduna com os resultados do estudo de Helal & Abou-ElWafa (2017).

De acordo com o presente estudo e em conformidade com a revisão da literatura, o farmacêutico é o principal profissional de saúde que os estudantes recorrem para obter informação. A OMS refere que este deve desempenhar um papel fulcral em ajudar as pessoas a realizarem escolhas informadas sobre a automedicação (Castro, et al., 2016).

Os nossos resultados vão de encontro aos estudos de Gama & Secoli, (2017), Helal & Abou-ElWafa, (2017) e Castro, et al., (2016) em que os principais motivos que os levaram à prática foram: as experiências anteriores, problemas de saúde ligeiros e a falta de tempo para recorrer aos serviços de saúde.

CONCLUSÃO

Este estudo demonstra que a automedicação é uma prática evidente entre os estudantes do ensino superior de saúde e revela uma preocupação na medida em que apesar dos estudantes reconhecerem os riscos da prática, não a reduzem. O sintoma referido pelos estudantes mais frequente para a prática de automedicação é as cefaleias. Constate-se que os medicamentos mais consumidos são os analgésicos/antipiréticos. O estudo demonstrou que este consumo estava relacionando com experiências anteriores, com uma frequência nos últimos 6 meses de 1 a 3 vezes. Neste sentido, é importante realçar que a educação para a saúde é fundamental para a consciencialização dos indivíduos sobre os riscos bem

como sobre a prática de uma automedicação responsável.

Esta problemática deve ser abordada ao longo do curso, tendo em conta que estes jovens são os futuros profissionais de saúde e agentes promotores de saúde, pelo que é importante que estes minimizem os comportamentos de risco, tendo os profissionais de saúde um papel fundamental na promoção de uma automedicação responsável. A disponibilização de medicamentos deve ser controlada pelas autoridades de saúde através do desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas efetivas, de forma a garantir um uso apropriado de medicamentos.

No que concerne às limitações do estudo, a amostra não é representativa de uma dimensão nacional devido ao facto de ser reduzida e composta maioritariamente pelo sexo feminino. Além disso, o instrumento de recolha de dados utilizado não se encontra validado.

Sugerimos que futuramente se realizem estudos mais alargados de âmbito nacional acerca da problemática, de modo a conseguirmos ter uma visão mais exata do panorama nacional.

Os resultados reforçam a necessidade do desenvolvimento de estratégias promotoras de literacia para a saúde e automedicação, devido à sua importância na tomada de decisão, promoção da saúde e prevenção da doença o que se pode relacionar diretamente com a automedicação e ainda incentivar e implementar atividades de educação para a saúde junto dos estudantes de IES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Al-Ameri, R. J., Al-Badri, H. J., & Lafta, R. K. (2017). Prevalence of self-medication among university

students in Baghdad: a cross-sectional study from Iraq. *Eastern Mediterranean health journal*, 23(2), 87-93.

Alfaro-Mora, R., Monge-Guerrero, A., Jerez-Zamora, M. F., Campos-Campos, P., & Pérez-Mora, F. (2019). Características de la población universitaria que recurre a la automedicación en Costa Rica. *Revista Cubana de Salud Pública*, 45(3), 1-11.

AlRaddadi, K. K., Barakeh, R. M., AlRefaie, S. M., AlYahya, L. S., Adosary, M. A., & Alyahya, K. I. (2017). Determinants of Self-medication among Undergraduate Students at King Saud University: Knowledge, Attitude and Practice. *Journal of Health Specialities*, 5, 95-101.

Alshogran, O. Y., Alzoubi, K. H., Khabour, O. F., & Farah, S. (2018). Patterns of self-medication among medical and nonmedical University students in Jordan. *Risk management and Healthcare Policy*, 11, 169-176.

Araia, Z. Z., Gebregziabher, N. K., & Mesfun, A. B. (2019). Self medication practice and associated factors among students of Asmara College of Health Sciences, Eritrea: a cross sectional study. *Journal of Pharmaceutical Policy and Practice*, 12, 1-9.

Bohomol, E., & Andrade, C. M. (2020). Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 19, 1-7.

Castro, C., Martins, J., Filomena, J. N., & Antão, S. C. (2016). A Automedicação nos alunos da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança. *Millenium* 2(1), 123-130.

Gama, A. S., & Secoli, S. R. (2017). Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(1), 1-7.

Gelayee, D. A. (2017). Self-Medication Pattern among Social Science University Students in Northwest Ethiopia. *Hindawi - Journal of Pharmaceutics*, 1-5.

Haque, M., Rahman, N. A., McKimm, J., Kibria, G., Majumder, A. A., Haque, S. Z., . . . Othman, S. (2019). Self-medication of antibiotics: investigating practice among university students at the Malaysian National Defence University. *Infection and drug resistance*, 12, 1333-1351.

Helal, R., & Abou-ElWafa, H. (2017). Self-Medication in University Students from the City of Mansoura, Egypt. *Hindawi - Journal of Environmental and Public Health*, 1-7.

- Hu, Y., Wang, X., Tucker, J. D., Little, P., Moore, M., Fukuda, K., & Zhou, X. (2018). Knowledge, Attitude, and Practice with Respect to Antibiotic Use among Chinese Medical Students: A Multicentre Cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(6), 1-14.
- Ibrahim, D. A., & Halboup, A. (2019). Self-medication Practice among Health Sciences Undergraduate Students in Sana'a City-Yemen. *International Journal of Pharmaceutical Investigation*, 9, 80-84.
- López-Cabra, C. A., Gálvez-Bermúdez, J., Domínguez-Domínguez, C., Urbina-Bonilla, A., Calderón-Ospina, C., & Vallejos-Narváez, Á. (2016). Automedicación en estudiantes de medicina de la Universidad del Rosario en Bogotá D. C., Colombia. *Rev. Colomb. Cienc. Quím. Farm.*, 45, 374-384.
- Malak, M. Z., & AbuKamel, A. M. (2018). Self-Medication Among University Students: A Phenomenological Study. *Euromediterranean Biomedical Journal*, 13(37), 164–170.
- Norori, M. N. (2019). Patterns of self-medication among university students in San Jose, Costa Rica. *MedRxiv*, 1-22.
- Orellana, V. A., González, K. H., Cerda, E. M., Muñoz, F. M., Ojeda, I. M., Maury-Sintjago, E., & Fernández, A. R. (2019). Automedicación en estudiantes de una residencia universitaria en Chillán, Chile. *Revista Cubana de Salud Pública*, 45(1), 1-15.
- Ortiz, C. P., David, O. D., Daza, H. R., Rojas, C. L., Ospina, C. A., & Delgado, D. R. (2019). Automedicación en estudiantes de la Sede Neiva de la Universidad Cooperativa de Colombia. *Rev. Colomb. Cienc. Quím. Farm*, 48 (1), 128-144.
- Príncipe, F. (2019). *Transformação de uma escola superior num contexto promotor de saúde: Contributos da pesquisa-ação participativa em saúde*. Mauritius: Novas edições académicas.
- WHO. (2000). *Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for use in Self-Medication*. Geneva: World Health Organization .